

UMA HISTÓRIA DO CORPO NA IDADE MÉDIA

LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. *Uma História do corpo na Idade Média*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, 208 p.

CÉSAR AUGUSTO DA SILVA FOGA*

Jacques Le Goff e Nicolas Truong trazem, em “Uma história do corpo na Idade Média”, um importante estudo sobre a figura do corpo na sociedade medieval. Com 208 páginas, o livro é dividido em prefácio, introdução, quatro capítulos e conclusão. Os quatro capítulos são, “Quaresma e Carnaval uma dinâmica do Ocidente”, “Viver e morrer na Idade Média”, “Civilizar o corpo” e por fim, “O corpo como metáfora”.

No prefácio do livro os autores consideram que o corpo é ainda um tema esquecido pela historiografia e que dessa forma, a história do corpo ainda está por ser feita. Para embasar essa afirmativa, os autores frisam que onde há mudança há história, logo, como a própria concepção do corpo sofreu modificações nas diversas sociedades ao longo do tempo, o mesmo deve ser tema para a história. Ainda no prefácio os autores argumentam que foi o cristianismo medieval o responsável pela glorificação do corpo, através da encarnação da figura de Jesus e também dos sacramentos.

Após tal discussão, os autores justificam que o corpo por muito tempo não foi considerado objeto de estudo histórico porque até então o mesmo era considerado apenas pertencente à natureza e não à cultura. E foi apenas a partir de seu mergulho nas ciências sociais que a história cedeu espaço ao corpo e suas aventuras, um dos estudos pioneiros foi a obra de Johan Huizinga, “O outono da Idade Média”.

A pertinência do livro elaborado por Jacques Le Goff e Nicolas Truong é devolver ao corpo sua razão de ser, mais especificamente no período histórico que corresponde à chamada Idade Média. E indagam, porque justamente a Idade Média? Logo, contestam que essa época provocou uma revolução nos conceitos e nas práticas corporais, também, ressaltam que a Idade Média é a matriz do nosso presente, “Essa Idade Média da

Resenha recebida em 10 de Novembro de 2013 e aprovada para publicação em 21 de Janeiro de 2014.

* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação “História e Sociedade” da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. E-mail: cesarfoga@hotmail.com

nossa infância, que não é negra nem dourada, se instaura em torno do corpo martirizado e glorificado de Cristo”.

No primeiro capítulo, intitulado, “Quaresma e Carnaval: uma dinâmica do Ocidente”, os autores argumentam que o significado do corpo para a sociedade medieval é um verdadeiro paradoxo, pois, é glorificado e repudiado ao mesmo tempo. Segundo os autores essa repressão se dá em razão do espaço central que era dado ao corpo no imaginário e na própria realidade medieval. Ademais, o corpo era considerado então a prisão e o veneno da alma, isso relacionado com o ideal ascético, onde o desprezo pelo mundo no meio monástico é nada mais que o desprezo pelo próprio corpo.

Retratam ainda a repugnância em relação aos fluidos corporais, o esperma e o sangue. Versam que uma das razões da relativa inferioridade da mulher na sociedade medieval é o fato da mulher menstruar. E, tanto o esperma quanto o sangue eram considerados o ápice da depreciação corporal. Le Goff e Truong explicitam as origens da repressão sexual, para os autores essas raízes têm suas origens na Antiguidade Tardia, onde o cristianismo realizou essa reviravolta do corpo. Segundo eles, em Paulo assistimos a diabolização do sexo e da mulher. Para ilustrar essa renúncia, é utilizada a figura de Santo Agostinho, esse homem novo do cristianismo, convertido que abandonou os prazeres do mundo. Assim, teólogos e filósofos medievais reconhecerão que o chamado pecado original está relacionado ao pecado sexual.

Após discorrerem sobre a questão do sexo, as análises dos autores voltam-se à subordinação da figura feminina, essa que era considerada fraca e o homem era quem poderia lhe dar força. Para tal discussão os autores recorrem ao livro sagrado e versam que segundo o Gênesis, capítulo 1, versículos 26 e 27 “Deus criou o homem à nossa imagem e semelhança”, ou seja, “homem e mulher”, porém os clérigos preferem a modelagem divina de Eva gerada a partir da costela de Adão. Além disso, um dos grandes pensadores medievais Tomás de Aquino aponta que o homem e a mulher foram criados ao mesmo tempo, porém o homem demonstra com maior frequência o uso da razão.

Ao tratarem sobre o trabalho, os autores afirmam que este nos ajuda a compreender o paradoxo presente na sociedade medieval. Pois, na Idade Média o trabalho manual foi desprezado e valorizado, os textos bíblicos trazem que o trabalho manual é o castigo ao homem pecador, essa ideia do trabalho como consequência do pecado original, ocorre principalmente entre os séculos V ao XI e após esse período segundo os autores, o trabalho passa a ser valorizado, o que ocorreria também com o trabalho intelectual nas Universidades medievais.

A Idade Média valorizava em demasia as lágrimas, pois elas eram sinal da graça divina e no contexto da Reforma Gregoriana, as lágrimas foram consideradas o sinal da encarnação de Cristo no Homem e a lágrima seria considerada um sinal de santidade a partir do século XI. As lágrimas permitem que Deus passe pelo corpo, e mobilizam o corpo para atingir o divino. No entanto, enquanto a lágrima é enaltecida, o riso é banido. Pois, o riso, vem do ventre, da parte baixa do corpo, além disso, Cristo não ria e proclamou infelizes aqueles que se deixam dominar pelo riso, entretanto, a partir do século XII o riso será pouco a pouco reabilitado, mas haverá então uma diferença entre o riso de alegria e o de zombaria.

Finalizando o primeiro capítulo, os autores discorrem acerca dos sonhos que também seriam condenados. Colocado ao lado do Diabo pelo cristianismo, a condenação ao sonho é um exemplo da repressão à cultura pagã, aquela das interpretações ocultas. Porém, a elite tem o direito aos sonhos, reis, santos e os monges, mas, assim como o riso, o sonho a partir do século XII seria aceito. Segundo Hildegarde de Bingen, o sonho nada mais era que o atributo do homem de bom humor.

No segundo capítulo, “Viver e morrer na Idade Média”, Huizinga, mais uma vez é mencionado, pois, segundo Huizinga, os contornos da vida na Idade Média eram bem definidos, o próprio título do livro desse historiador, *Outono da Idade Média*, é uma maneira de buscar evidenciar através dessa estação da natureza os contrastes presentes na época medieval. Para discutir sobre a morte, os autores do livro recorrem às ideias de outro historiador, Philippe Ariès, em que esse afirma que a morte na Idade Média era menos dura e mais doce que na atualidade.

No que diz respeito ao tema do amor, a Idade Média, com exceção feita ao romance de Heloísa e Abelardo, não considerou aquilo que conhecemos por amor. Se voltarmos nossa atenção para a literatura, o amor cortês, tema recorrente na Idade Média, eram histórias de adultério, caso de Tristão e Isolda, Ginevra e Lancelote. Quanto à homossexualidade comum na antiguidade, essa era condenada pelo cristianismo, porém, a partir do século XII seria tolerada.

A figura da criança irá aparecer apenas por volta do século XIII, essa valorização foi sustentada pela religião, com a promoção da figura do menino Jesus a partir dos textos apócrifos. Com a valorização da figura da criança os autores versam sobre um dos sacramentos essenciais, o batismo, e aqueles que não fossem batizados corriam o risco de serem privados do paraíso.

Em relação aos idosos, esses são raros, pessoas com mais de 45 anos são exceções. Todavia, esses idosos possuem algo de valioso numa sociedade onde há o

predomínio do relato oral, a memória. A velhice também apresenta seus contrastes, comuns à Idade Média, pois, ela é ao mesmo tempo admirada e reprovada, um dos motivos para a reprovação seria que se alguém chegasse a essa idade é porque havia fugido dos campos de batalha, por exemplo.

Ademais, numa sociedade exposta aos caprichos da natureza, a vida corria muito risco, principalmente quando havia alguma epidemia, caso da peste que no século XIV dizimou cerca de 25 % da população e juntamente com a lepra ajudou a alimentar a crença numa Idade Média negra. Ainda em relação à lepra, havia a crença que o leproso fora sido engendrado por seus pais no período correspondente ao jejum do sexo, a Quaresma, essa doença era assim símbolo por excelência o pecado. Nesse mundo sujeito a essas epidemias, os milagres dos santos estavam relacionados principalmente à cura de tais enfermidades.

Quanto à cura, a Igreja manifestou-se contra os curandeiros mágicos do paganismo. A medicina medieval era baseada nos estudos do médico grego Galeno (131-201 d.c) e tal profissão era considerada um ofício de Deus. Ao longo da Idade Média surgiram escolas de medicina. Porém, o livro chama nossa atenção para a seguinte questão, que na Idade Média ocorreram muitas descobertas médicas, porém essas descobertas se escondem atrás dos antigos, por exemplo, de Galeno. Os santos, bispos e clérigos também eram vistos como médicos, e os médicos de ofício eram considerados meros assistentes, os autores assinalam então que a medicina carnal foi substituída pela medicina espiritual. Mas, é importante advertir que a medicina medieval trouxe importantes inovações técnicas.

O desenvolvimento dos hospitais, segundo os autores estão relacionados a dois valores cardeais, que são a caridade e a enfermidade. Outro ponto importante que faz menção à questão da saúde é a dissecação do corpo, essa prática fundamental para o desenvolvimento da medicina científica, se tornaria regular por volta do ano de 1340, e faz-se necessário ressaltar que a Igreja não proibia essa prática, o que ela condenava era a violação de sepulturas e furtos de cadáveres.

Ao tratarem da morte os autores citam os trabalhos de Huizinga e Philippe Ariès, segundo Le Goff e Truong, as pesquisas históricas sobre o tema ganharam muito após os trabalhos desses dois historiadores supracitados. A Igreja paulatinamente se encarregou dos mortos e passou a condenar as práticas funerárias supersticiosas e entre os séculos XII e XIII os ritos funerários organizados pela Igreja triunfam.

O terceiro capítulo, “Civilizar o corpo”, é onde os autores evidenciam que a Igreja também busca codificar e regulamentar o corpo. Por exemplo, ela condenava a gula, sendo esse um dos principais pecados, pois a alimentação era uma fonte de prazer para o

homem medieval. A Idade Média herdeira da cultura romana e germânica, herda também os dois modelos alimentares provenientes de ambas as culturas e, que darão origem a uma cultura alimentar específica na Idade Média. É o encontro do trigo romano com a carne dos germanos, do vinho civilizado com a cerveja bárbara.

Ainda em relação à alimentação, essa também era considerada uma maneira de distinção social, o consumo de carne era sinal de prestígio e o consumo de vegetais era a alimentação comum das classes ditas inferiores. Além disso, a Idade Média também foi responsável por civilizar as práticas alimentares, por exemplo, o garfo, que veio de Bizâncio.

A beleza feminina ilustra mais uma vez essa tensão presente na Idade Média, pois essa beleza possuía dois polos, a Eva tentadora e pecadora e Maria a sua redentora, a beleza sagrada diante da beleza profana.

O quarto capítulo, “O corpo como metáfora”, os autores discutem que o corpo na Idade Média pode ser compreendido como uma metáfora. A Igreja sendo o corpo do qual Cristo é a cabeça, além da cabeça, o coração também é importante, pois, segundo o Novo Testamento o coração é local das forças vitais. O fígado é o grande pecador, esse órgão que está numa parte inferior do corpo. Quanto à mão ela é signo da proteção e de comando, nessa civilização dos gestos, ela os executa. Por exemplo, o gesto simbólico da vassalagem, homenagem essa que está no cerne do sistema feudal. Assim, a política medieval pode ser compreendida a partir dessa metáfora corporal onde o papa é a cabeça que oferece aos membros a verdadeira doutrina, o príncipe é o coração de onde partem as veias que distribuem o sangue, e o rei de onde provêm os decretos e as leis. Levando em consideração que o sangue é o elemento vital, o rei seria mais importante que o papa. Logo, o coração seria o centro metafórico desse corpo político.

Finalizando, nessa sociedade baseada nos gestos, o corpo possuía grande destaque e na conclusão do livro os autores reiteram a importância do corpo como tema para a história. Mas, a história do corpo conforme discutido ao longo do livro ainda está por fazer, ou utilizando as próprias palavras dos autores, “encontra-se ainda em estado bruto”. No entanto, os autores deveriam apresentar ou sugerir alguns temas de estudo sobre o corpo para evitar as generalizações, assim como discutir os possíveis caminhos teóricos e metodológicos. Por fim, a partir da leitura da obra de Jacques Le Goff e Nicolas Truong fica evidente que o corpo tem história e o corpo é ainda um tema a ser explorado pelos historiadores e, além disso, é uma forma da história dialogar com as demais ciências.